

# **IV enanparq**

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

## **Percursos e deslocamentos urbanos de mulheres negras no pós-abolição em São Carlos-SP: entre o espaço público e o doméstico**

SESSÃO TEMÁTICA: Arquitetura, gênero e sexualidade

**Joana D'Arc de Oliveira**  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo  
joanadarcoliveira@usp.br

**Maria Angela Pereira Castro e Silva Bortolucci**  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo  
mariacsb@sc.usp.br

## Percursos e deslocamentos urbanos de mulheres negras no pós-abolição em São Carlos-SP: entre o espaço público e o doméstico

### RESUMO

Analisa os percursos e deslocamentos urbanos de mulheres negras no pós-abolição no município de São Carlos – SP, tendo como conceitos norteadores: raça, gênero e espaço urbano e tem origem a partir da tese “Da senzala para onde: negros e negras no pós-abolição em São Carlos-SP (1880-1910)”<sup>1</sup>. A vivência da liberdade por homens e mulheres negros, advindos da escravidão, não pode ser analisada de forma universal, tendo em vista as diversidades com que estes sujeitos elaboraram e reelaboram suas trajetórias. Em busca de suas inserções sociais eles e elas lidaram de maneiras distintas com os obstáculos sociais, políticos, econômicos, culturais e raciais que lhes foram colocados, tanto pelo Estado Republicano como pela sociedade civil, ambos amplamente preocupados, nesse período, com o projeto de modernização, europeização e branqueamento do país, fazendo com que as formas de apropriação do espaço urbano e os usos da cidade não ocorressem de maneira igualitária para os indivíduos das diferentes classes sociais. Nessa conjuntura, recaíram sobre os negros uma série de proibições que objetivavam excluí-los das áreas centrais das cidades e apartá-los culturalmente da vida urbana, fazendo com que desenvolvessem uma série de estratégias para apropriação dos espaços e territórios urbanos que lhes eram constantemente negados. Neste cenário de proibições, as mulheres acabaram por transformar suas moradias em *locus* de preservação e valorização da cultura negra, e, sobretudo, em reduto da proteção familiar. Vale destacar, que desde o período escravista elas estiveram lado a lado com os homens na luta pela conquista da liberdade; trabalharam no eito e nos espaços domésticos, como cozinheiras, amas de leite, pajens, lavadeiras e foram o esteio das famílias negras e brancas mesmo depois da abolição, atuando numa completa invisibilidade, que se manteve tanto nas páginas da história do Brasil, quanto nas produções científicas acadêmicas até bem pouco tempo atrás. Nesse artigo são analisados os diversos papéis sociais desenvolvidos por mulheres negras, nas ruas e em suas moradias, bem como as estratégias de sobrevivência por elas adotadas para se apoderarem de direitos e do status de cidadãs. Para tal, aborda as questões de gênero, raça e espaço urbano, mediando autores de distintas áreas científicas, como as feministas e ativistas Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, o geógrafo Milton Santos, os historiadores Hebe Mattos, Flávio Gomes, Maria Helena Machado, Maria Odila Leite e o arquiteto e urbanista José Tavares Correia de Lira. Além do debate teórico, inventaria e analisa algumas moradias de mulheres negras e revela também seus trajetos, percursos e deslocamentos entre o espaço público das ruas e o espaço doméstico de seus lares, os quais, conforme trata o artigo, são constantemente ressignificados por elas. Aproveitando a oportunidade de falarem sobre si, como bem pontua Grada Kilomba<sup>2</sup>, essas mulheres rompem com o constante silenciamento a que foram submetidas ao longo da história. Dessa forma, o artigo observa, *não somente a partir delas, mas com elas e entre elas*, como percebem a si, os seus e os outros, como nos sugere Giovana Xavier, Juliana Barreto Faria e Flávio Gomes<sup>3</sup> e

<sup>1</sup> Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do IAU-USP.

<sup>2</sup> Kilomba, Grada. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast, 2008.

<sup>3</sup> Xavier, Giovana. Faria, Juliana Barreto. Gomes, Flávio (orgs). *Mulheres Negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

contribui para o crescimento das pesquisas que focam as mulheres negras, tanto na escravidão como no pós-abolição, indicando a sua importância como agentes que elaboraram e reelaboraram formas de enfrentamentos, contrariando a idéia vigente, de que aceitaram a dominação com passividade.

Palavras Chaves: Mulheres negras. Espaço urbano. Moradias urbanas. Trajetórias.

**Urban trajectories and displacements of black women in the post-abolition in São Carlos-SP: between the public space and the domestic space.**

**ABSTRACT**

Analyzes the urban trajectories and displacements of black women in the post-abolition in São Carlos - SP, with the guiding concepts: race, gender and urban space. Originates from the thesis "From the slave quarters where: black men and women in the post - abolition in São Carlos-SP (1880-1910) ". The experience of freedom for black men and women, coming from slavery, cannot be analyzed universally, given the diversity that these subjects have developed and rework their trajectories. In search of their social inserts, they have dealt in different ways with the social, political, economic, cultural and racial difficulties to them were placed by the Republican State and by civil society, both largely concerned, in this period, with the project modernization, Europeanization and bleaching of the country, causing the forms of appropriation of urban space and the uses of the city did not occur in an egalitarian way for individuals from different social classes. At this juncture, fell on black a series of prohibitions aimed to exclude them from the central areas of cities and separate them culturally from urban life, causing them to develop a number of strategies for appropriation of spaces and urban territories to them constantly denied. In this situation of bans, women eventually make their homes in preservation locus and appreciation of black culture, and especially in the family stronghold protection. It is worth noting that since the slavery period they stood side by side with men in the struggle for freedom; worked in *eito* and domestic spaces, as cooks, wet nurses, pages, valets and were the mainstay of black and white families even after the abolition, acting in complete invisibility, which remained both in the pages of the history of Brazil, as in academic scientific production until a short time ago. This article analyzes the different social roles developed by black women in the streets and in their homes, as well as the survival strategies adopted by them to seize rights and the status of citizens. To this end, addresses the issues of gender, race and urban space, mediating authors from different scientific areas, as feminists and activists Sueli Carneiro and Lelia Gonzalez, the geographer Milton Santos, historians Hebe Mattos, Flávio Gomes, Maria Helena Machado and the architect and urban planner José Tavares Correia de Lira. In addition to the theoretical debate, identifies and analyzes some houses of black women and also reveals their paths, trajectories and travel between the public space of the streets and the domestic space of their homes, constantly reinterpreted by them. Taking advantage of the opportunity to talk about themselves, as well punctuates Grada Kilomba, these women break with the constant silencing that have undergone throughout history. Thus, the article points out, *not only from them, but with them and among them*, how they perceive them, theirs and others, as we suggested Giovana Xavier, Juliana Barreto Faria and Flávio Gomes

and contributes to the growth of research that focus on black women, both in slavery as in the post-abolition, indicating their importance as agents elaborated and reworked forms of fighting, contrary to the prevailing idea that accepted the domination with passivity.

**Keywords:** Black Women. Urban Space. Urban Housing. Trajectories.

O legado cultural de homens e mulheres negros que foram escravizados em diversas partes do Atlântico tem sido investigado e inventariado por um grande número de pesquisadores de diversas áreas científicas. Dessas, a história social, vem ganhando cada vez mais destaque, não apenas por revolucionar a forma de abordar essa temática, mas também por dar voz a esses sujeitos, tão comumente silenciados pela historiografia dita oficial. No Brasil, foi a partir da década de 1980, que a história social passou a conferir lugar de destaque aos homens e mulheres negros no cenário da escravidão, da abolição e do pós-abolição, rompendo assim com paradigmas até então fortemente estabelecidos. De acordo com Hebe Mattos e Ana Lugão Rios:

*Esta mudança de perspectiva implicou uma abordagem das sociedades pós-emancipação mais centrada na experiência dos libertos, no estudo de suas aspirações e de atitudes em face do processo emancipacionista e dos novos contextos sociais por ele produzidos. Afinal o escravo que emergia da nova história social da escravidão era cada vez mais capaz de ação histórica. Tinha adquirido família, vida cultural e comunitária, negociava e muitas vezes atuava no mercado produzindo e vendendo bens e serviços por conta própria. (Mattos; Rios, 2005, p.26)*

Desde esse momento começaram a surgir pesquisas centradas nos destinos dos libertos e, mais do que isso, preocupadas em trazer à tona o olhar deste sujeito diante da liberdade vivenciada. Em 1988, nos Estados Unidos, o historiador Eric Foner em seu livro “Nada além da liberdade: a emancipação e seu legado” enfatizou a atuação política dos ex-escravos, analisando a resistência do trabalhador negro frente ao processo de proletarianização, em vias de desenvolvimento. Para este autor, a abolição da escravidão foi um processo revolucionário e suas consequências para os libertos elementos-chaves para a compreensão das sociedades capitalistas:

*Entre os processos revolucionários que transformaram o mundo do século XIX, nenhum foi tão dramático em suas consequências humanas ou teve implicações sociais tão profundas como a abolição da escravatura. Realizada por revolução negra, legislação ou guerra civil, a emancipação não apenas eliminou uma instituição em crescente antagonismo com a sensibilidade moral da época, como também introduziu questões difíceis acerca do sistema de organização econômica e de relações sociais que substituiria a escravidão. (Foner, 1988, p. 17)*

Foner<sup>4</sup> ainda destaca de forma pioneira que depois do fim do sistema escravista, surgiram novos desafios para os negros, tais como a conquista por direitos civis, acesso a terra, moradia, trabalho, educação, etc. Ele aponta que mesmo com a persistência da exploração do trabalho do negro e todas as medidas coercitivas em prol do seu adestramento, a emancipação representava, para os libertos, a principal linha divisória de suas vidas. Também no caso brasileiro, verificamos que não foram isoladas as realizações por parte destes atores em moldarem seus destinos de acordo com suas expectativas e confirmando este caminho, Wlamira Albuquerque salienta que cada vez mais a historiografia vem desconstruindo a *“idéia de que os cativos e libertos viveram irremediavelmente subjugados e privados de qualquer poder de decisão sobre suas vidas”* (Albuquerque, 2010, p.98). Nesta perspectiva, a autora coloca como fundamental para as análises do pós-abolição a abordagem da representação da liberdade para o ex-escravo. Este tipo de análise requer segundo Flávio dos Santos Gomes e Olívia Maria Gomes da Cunha<sup>5</sup>, disposição para o enfrentamento direto dos desafios que estão postos face ao silenciamento que se operou desde 1888. Segundo estes autores, é preciso que os olhares sejam direcionados para o cotidiano de marginalização, bem como para as estratégias de sobrevivência enfrentadas pelos negros/as nos anos que se seguiram, considerando também, o universo cultural que lhes conferiram inteligibilidade e densidade histórica. É preciso como destaca Flávio Gomes que o liberto, saia da invisibilidade histórica que lhe foi conferida após o fim da escravidão e para que esse objetivo se efetive o pesquisador deve percorrer os rastros deixados por estes sujeitos, que até então foram negados<sup>6</sup>.

Vale destacarmos que essa invisibilidade histórica que recaiu sobre os negros atingiu de forma muito mais acentuada as mulheres, as quais desde a vigência do sistema escravista, estiveram lado a lado com os homens na conquista da liberdade, se posicionaram ativamente contra os mandos e desmandos da sociedade patriarcal, elaboraram estratégias de resistência, como fugas, assassinatos de membros da família senhorial, ou adotaram comportamentos de subserviência, minuciosamente planejados, como instrumentos de alcance da liberdade. Maria Helena Machado<sup>7</sup> ao analisar a trajetória da negra Benedita, demonstra o quanto à mulher negra, tornou-se ainda mais ativa e insubmissa com a

---

<sup>4</sup> Foner, Eric. Nada além da liberdade: a emancipação e seu legado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>5</sup> Gomes, Flávio dos Santos e Cunha, Olívia Maria Gomes. (organizadores). Quase Cidadão: histórias e antropologias do pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

<sup>6</sup> Na expectativa de dar voz aos sujeitos envolvidos nos processos históricos, o pesquisador, passou a dispor de uma série de recursos metodológicos e fontes inéditas, até então desqualificadas pelas pesquisas eruditas. Memórias, depoimentos constantes em processos criminais, boletins de ocorrência, contratos e registros de trabalho, entre outras, vem cada vez mais permitindo que se obtenha a vivência da liberdade bem como a visão que o liberto tinha sobre esta.

<sup>7</sup> Machado, Maria Helena P. T. Corpo, Gênero e Identidade no Limiar da Abolição: o caso de Benedita Maria Albina da Ilha ou Benedita, escrava (Sudeste, 1880), *Revista Afro-Ásia*, n. 42, 2010, pp. 157-193.

proximidade do fim da escravidão. Figuras como essas não foram poucas, Keila Grimberg<sup>8</sup>, demonstra todas as estratégias adotadas pela negra Liberta para driblar a sociedade escravista, recorrer à justiça para reclamar a sua liberdade e por fim conseguiu-la. E foram inúmeras as mulheres negras que elaboraram e reelaboraram estratégias de enfrentamos, tanto na escravidão quanto no pós-abolição.

Foi por volta de 1980, momento em que as ciências humanas passaram a reivindicar estudos e análises para além das elites do país que surgiram os primeiros estudos de gênero, os quais, porém, universalizavam as mulheres e acabavam por excluir as vivências das mulheres negras. Nessa perspectiva, passou-se então a reivindicar a incorporação da questão racial nos estudos de gênero que ganhou corpo primeiramente nos Estados Unidos e Canadá, na década de 1970, e chegou ao Brasil anos depois, enfrentando, segundo Kia Lilly Caldwell (2002), grande resistência por parte das feministas brancas. Foi ainda neste período que lideranças e intelectuais negras, como Lélia Gonzáles, Thereza Santos, Sueli Carneiro, colocaram como pauta principal dos estudos de gênero a necessidade de se observar as diferenças que impossibilitavam a universalização das mulheres em uma categoria e destacaram como elemento determinante dessas diferenças a questão racial, a qual, segundo elas, imprimia uma série de restrições e desigualdades que tornavam a vida da mulher negra completamente dispare da vida da mulher branca. Desde então, estudos que articulam raça e gênero vêm ganhando cada vez mais espaço nas academias, e sendo objeto de análise das mais variadas áreas do conhecimento. Flávio Gomes e Marcelo Paixão<sup>9</sup> nos chamam a atenção para o crescimento das pesquisas que focam as mulheres negras, tanto na escravidão como no pós-abolição, indicando a importância delas como agentes que elaboraram e reelaboraram formas de enfrentamentos, contrariando a idéia vigente até então, de que elas aceitaram a dominação com passividade:

*Estudos a respeito das experiências das mulheres escravas nas Américas têm apontado para o grau de resistência delas no interior das plantações. Não cooperadoras no trabalho diário tinham que ser castigadas severamente. Nas áreas rurais “onde a maior parte estava empregada nas plantações” era por meio da linguagem e da música que educavam seus filhos, reinventando sentidos culturais. Nas áreas urbanas, ocuparam importantes espaços, fazendo deles territórios dos mercados de trabalho, dos seus próprios corpos, desejos e identidades de gênero envolventes. (Gomes, Flávio; Paixão, Marcelo, 2008, p.951).*

---

<sup>8</sup>Grinberg, Keila. LIBERATA: a lei da ambiguidade - as ações de liberdade da Corte de Apelação do Rio de Janeiro no século XIX. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

<sup>9</sup> Gomes, Flávio. Paixão, Marcelo. Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 424 (setembro-dezembro), 2008. In: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/14.pdf>.

Esses mesmos autores destacam que, apesar dos estudos sobre gênero terem ampliado horizontes e eixos teórico-metodológicos, ainda são poucas as análises a respeito das conexões históricas entre raça e gênero, e as reflexões sobre as experiências das mulheres negras na escravidão e nas primeiras décadas do pós-emancipação no Brasil continuam, segundo eles, também *ausentes*. O que nos leva a perceber a importância de pesquisas que foquem a vida e as trajetórias das mulheres negras, tanto no período escravista como no pós-abolição.

Nessa perspectiva, tendo gênero, raça e espaço urbano como categorias fundamentais de análise, nos propomos a investigar a presença/ausência das mulheres negras na cidade de São Carlos e suas formas de apropriação e usos do espaço urbano, tendo como recorte temporal as décadas de 1910 a 1950. O artigo define como objetos de análise as trajetórias e deslocamentos dessas mulheres pelo espaço público, no caso o urbano, e o espaço doméstico, vislumbrado nas formas construtivas, hierarquias e regras vigentes em suas moradias. Salientamos que o espaço urbano aqui concebido, se reporta à definição de Milton Santos<sup>10</sup>, que o considera uma dimensão das relações sociais, não somente como suporte – espaço físico – e sim, como construção social. Visamos contribuir para a desconstrução do anonimato das mulheres negras acompanhando suas trajetórias, as quais, segundo Certeau<sup>11</sup>, *evocam um movimento temporal no espaço, a unidade de sucessivos pontos percorridos, compreendidos como a casa, a escola, a rua, os ambientes frequentados*. Desse modo, objetivamos trazer à tona as estratégias de resistências empreendidas por estas mulheres e materializadas em seus cotidianos no pós-abolição, analisando os diversos papéis sociais por elas desenvolvidos, tanto no espaço público das ruas, quanto nos espaços privados das suas moradias, e ainda as estratégias de sobrevivência por elas adotadas para se apoderarem de uma cidadania que lhes era terminantemente negada. Interessa conhecer e analisar suas moradias, revelar e compreender seus trajetos, caminhos percorridos e ressignificados e, como nos sugere Giovana Xavier, Juliana Barreto Faria e Flávio Gomes<sup>12</sup>, observando, *não somente a partir delas, mas com elas e entre elas*, como percebem a si, os seus e os outros.

Nessa perspectiva, as moradias das famílias negras nos parecem um objeto notadamente representativo da cultura negra no país, capaz de evidenciar e trazer à tona os rastros sugeridos pelo historiador Flávio Gomes. Sendo assim, considerando tal representação, trazemos neste artigo a análise das trajetórias de duas mulheres negras, moradoras da Vila

---

<sup>10</sup> Santos, M. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1982.

<sup>11</sup> Certeau, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.

<sup>12</sup> Xavier, Giovana. Faria, Juliana Barreto. Gomes, Flávio (orgs). Mulheres Negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2012.

Izabel, bairro que reunia um número significativo de homens e mulheres negros no ano de 1907, conforme nos apontou o Recenseamento Populacional realizado na cidade no ano referido. Vale informar, que se tratava de um bairro destituído de qualquer infraestrutura, e localizado nas franjas da malha urbana e muito distante, portanto, da região central: implantado logo após a abolição do sistema escravista em 1891 pelo senhor Casimiro Guimarães, proprietário dessas terras. Existe, porém, outra versão sobre o surgimento do bairro, que se mantém viva na memória local e diz respeito à implantação espontânea por parte de ex-escravos que teriam ali se estabelecido informalmente com o fim da escravidão. Independentemente da gênese do lugar, nossa premissa foi compreender as trajetórias urbanas empreendidas por Geralda e Margarida. Entretanto, é impossível deixar de notar que a existência do bairro expressa uma resposta a proposta de cunho *sanitarista surgida na década de 1920*, explicitada por Lira (1999), que objetivava, *pela expulsão das áreas centrais da cidade*, dificultar às classes populares a apropriação dos espaços públicos locais, levando-os a cumprir basicamente os deslocamentos diários para o trabalho. Apartadas do convívio cultural, político, social e econômico da região central, elas solidificaram suas relações com o espaço privado e transformaram suas moradias, como veremos adiante, em territórios de preservação e manifestação de suas matrizes culturais.

### **Geralda Fermiano da Silva, entre a vida na lida e a liberdade no *barraco***

Geralda nasceu no dia 22 de junho de 1935 em Santa Eudóxia, distrito de São Carlos. Filha de Benedita Rosa Fermiano, natural de Limeira e José Fermiano de Descalvado. Neta por parte de pai de Manoel Fermiano e Maria José Fermiano, escravos e naturais de Descalvado e por parte de mãe de Maria Modesta da Conceição Vara e Lourenço Rosa, sendo ela natural de Limeira e ele do Rio de Janeiro.



Figura 1: Geralda Fermiano da Silva, Vila Izabel, São Carlos. 2013. Foto: Mateus Rosada

Além de Geralda, Benedita e José tiveram mais sete filhos. Segundo ela, os pais se conheceram na fazenda Jacutinga no distrito de Santa Eudóxia, onde se casaram e depois mudaram para essas fazendaiadas (Silva, Geralda Fermiano. 2010). Dentre as fazendas que moraram ela destacou Cintra, Michêlangelo e Santo Antonio. A mobilidade espacial que marcou a trajetória da família Fermiano, também foi confirmada pelo irmão de Geralda, o senhor Francisco Fermiano (2014), que atualmente possui 82 anos de idade. Os motivos que levaram seus pais a mudarem constantemente, segundo ele, pautavam-se na *escravidão disfarçada que vigorava no país*, uma vez que muitos fazendeiros, nas primeiras décadas do século XX, mantinham praticamente inalteradas algumas práticas exercidas na vigência do sistema escravista. Os *maus tratos dispensados aos trabalhadores* e também a *substituição do dinheiro pela ordem*, foram alguns dos motivos, apontados por Francisco.

*Eu alcancei a escravidão, era disfarçada, mas era escravidão. Escravidão era isso aqui, não existia dinheiro, existia uma tal de ordem, um papel. Quando ia gastar numa venda tinha que comprar só o que estava escrito no papel, se faltava outro alimento, não importava, tinha que comprar só o que estava escrito. Mas a gente não podia se virar, porque era castigado se arrumasse emprego em outra fazenda para completar os ganhos. Eu vi isso quando era molecão, muitos pais de família serem acorrentados por terem arrumado outro serviço. (Fermiano, Francisco. 2014).*

Segundo Geralda, seus pais tinham uma jornada dura de trabalho e em todas as fazendas que passaram foram meeiros, e o que recebiam em dinheiro dependia, principalmente, da dedicação da família ao trabalho. Ao patrão que cedia a terra, cabia o retorno financeiro que consistia em metade do ganho total. Por tal motivo, a partir dos nove ou dez anos de idade os filhos já eram iniciados à lida na roça, aumentando a produção e consequentemente, os ganhos. Com Geralda, não foi diferente, pois ela foi para a lida, com nove anos de idade, momento em que a família morava e trabalhava como colonos na fazenda Santo Antonio, pertencente a Antônio Botelho e sua esposa Odete Maria. Além das atividades de colona, ela ainda se dedicava aos serviços domésticos na casa grande, exercendo assim, uma dupla jornada de trabalho, que começava cedo, na roça, e se estendia até as 16h00, momento em que ela seguia para a casa dos patrões e apesar do cansaço, destacou que gostava, pois a patroa *lhe ensinava muito*.

*Nós éramos da colônia de café. Nós apanhava o café, carpia, quando chegava o pagamento geral era no fim do ano também né. Então, eu trabalhava um pouco na roça com meu pai de*

*colona, e depois eu ia pra fazenda quatro horas [da tarde] e oito horas da noite eu saía da fazenda, que eu trabalhava de empregada na fazenda, de noite lá. Eu tinha uns nove anos por aí. [se referindo aos patrões] Nem fala de tão bons que eles eram. Vichi! Quem me ensinou tudo lá da fazenda que não tinha escola era a patroa que me ensinou tudo, a patroa que ensinou o pouco que eu sei, foi ela que ensinou a bordar, fazer trabalho com lã, crochê, foi tudo ela. (Silva, Geralda Fermiano. 2010.*

Geralda, desde pequena assumiu para si os cuidados com a família e, nos momentos em que não estava trabalhando na roça, ou na casa do fazendeiro, ela ajudava sua mãe com os afazeres de casa, limpando, lavando e cuidando da irmã mais nova. Os momentos de lazer se reduziam aos bailes nas fazendas, nos sábados à noite, onde ia sempre em companhia do irmão mais velho. Foi num desses bailes, realizado na fazenda Santo Antonio, que Geralda conheceu Antônio Vergelista da Silva com quem namorou e se casou aos 19 anos de idade, no ano de 1954, quando ainda morava com os pais no sítio Nossa Senhora Aparecida, em Ibaté-SP. Depois de casada Geralda, se mudou com seu marido mas continuou a trabalhar na roça para contribuir com a renda familiar. Eles tiveram quatro filhos, três meninos e uma menina, e quando a caçula estava com nove meses de idade, no ano de 1963, seu marido *foi embora*. Indignado com a situação José Fermiano, pai de Geralda, foi buscá-la para morar com ele. Neste ano, o velho José já morava em uma pequena chácara na Vila Izabel, que tinha comprado do filho Francisco no ano de 1960. O terreno era ocupado por uma casa principal, onde vivia o casal nuclear, e outra casinha de madeira.

Essa configuração espacial que abrigava inúmeras casinhas, ou ainda uma única construção que era constantemente subdividida, foi analisada por Duarte e Gomes<sup>13</sup> que chamam a atenção para o ato, presente principalmente entre as camadas populares, de realizar alterações na casa, ampliando para acolher novos habitantes que são geralmente seus descendentes. Essas realizações foram, segundo estes autores, conceituadas como “**Quintal**” pela antropóloga Simoni Guedes, a qual ao analisar, desde a década de 70, diversos bairros da área metropolitana do Rio Janeiro, registrou a frequência, cada vez maior, de uma antiga forma de ocupação nas áreas residenciais dos trabalhadores, a saber:

*Nesta paisagem destacam-se núcleos mais densos de parentesco nas formas de residência que designam como quintal. Esta categoria recobre os conjuntos de casas que foram construídas ao longo dos anos num mesmo lote ou terreno, a partir de uma casa inicial, em que*

---

<sup>13</sup>Duarte, Luiz Fernando Dias, Gomes, Edilaine de Campos. Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

o proprietário realiza, ele mesmo, ou permite a realização de novas construções. Podem apresentar-se em densidade variável: há quintais com três, quatro ou cinco casas e muito espaço disponível, há outros em que mais de dez casas encontram-se lado a lado, outros ainda que cresceram verticalmente em direções dificilmente imagináveis compondo uma arquitetura surpreendente. (Guedes, 1998, p. 197).

Foi neste espaço que Geralda construiu a maior parte de sua trajetória, criou e educou seus filhos à custa de muito trabalho (Ver figuras 2 e 3). Ela mesma destacou, trabalhava diariamente e não tinha finais de semana: *Eu trabalhei diariamente, até agora, pouco tempo, eu trabalhei diariamente, aqui em São Carlos, eu trabalhei tanto na roça, quanto aí na [Fazenda] Serra e de empregada também. Depois que eu saí de empregada, eu fui fazer faxina só.* (Silva, Geralda Fermiano. 2010)



Figura 2: Geralda Fermiano ainda jovem. Sem data precisa. Acervo: Família Fermiano.



Figura 3: Vanda da Silva com quatro anos de idade. Filha de Geralda. Década de 1960. Acervo: Família Fermiano.

José Fermiano, pai de Geralda, que costumava locar a casa de madeira para aumentar a renda da família, não pensou duas vezes em desocupar uma parte dela e abrir mão de um dos aluguéis, para abrigar a filha e os netos desamparados, demonstrando que a preocupação com a família estava acima dos interesses financeiros, costume comum encontrado pela antropóloga, Simoni Guedes:

*(...) é muito importante observarmos que a ocupação ou posse deste terreno não é concebida como um valor de troca, mas em termos do seu valor de uso, ou seja, trata-se claramente de uma escolha que atualiza princípios de ordenação sociocultural específicos. Os resultados*

*econômicos poderiam ser obtidos de outras formas: alugando ou arrendando tais espaços. Mas esta não é, absolutamente, a alternativa escolhida. (Guedes, 1998, p. 208)*

Depois de aproximadamente 14 anos morando no corpo principal da casinha de madeira (Figuras 4 e 5), o quarto de aluguel foi desativado e Geralda passou a ocupar o imóvel todo, transformando o espaço em sala de visitas, a qual, poderia agora ser preparada para a visita de amigos e convidados. Vale destacar, que até o ano de 1983, todos os moradores do lote usavam a fossa que existia no fundo do quintal, pois não havia banheiro em nenhuma das edificações. Vanda da Silva, a filha de Geralda e atualmente com 52 anos, tinha nove meses quando foi morar na Vila Izabel e se recorda que estava com 20 anos de idade quando a família construiu o banheiro, localizado entre as duas casas no canto esquerdo do lote.

Essa falta de infra-estrutura que acometia as populações pobres moradoras dos bairros periféricos, ia na contra mão do discurso higienista ainda em voga no país na década de 1920, como nos apontou Lira (1999) e evidencia o real objetivo dos adeptos do sanitarismo, que era a retirada dos pobres, negros e imigrantes europeus, da região central. Ou seja, não se tratava de melhorias urbanas que se estenderiam a toda a população da cidade. Um exemplo dessa atuação é referendada pelo autor:

*A política de habitação popular levada adiante a partir da segunda metade da década de 1930, em pleno Estado Novo, ao iniciar a cruzada de demolição dos mocambos urbanos não deixaria de especificar fronteiras intransponíveis a estes estigmas africanos de miséria e barbárie (Lira, 1996, 1998).*

Assim como outros moradores do bairro, Geralda não possuía muito contato com os vizinhos. Para além das dificuldades nas relações de vizinhança, Geralda não dispunha de tempo livre, *pois saía bem cedo e voltava só à noite do trabalho*, depois que chegava era a hora de cuidar dos afazeres da casa, *fazia pão no forno a lenha, lavava as roupas de escola das crianças*. Com tanto trabalho, não sobrava tempo para conversas e para nenhum tipo de lazer, segundo ela, *nunca tive regalia de passear*. Seu cotidiano se restringia ao trabalho, e aos cuidados aos filhos e a sua mãe. Dona Benedita veio morar no *Barraco da Gegê* em 1975, quando seu marido faleceu, deixando a casa principal para os filhos mais velhos. Dona Benedita retribuiu o apoio que sempre recebeu de Geralda, cuidando dos netos, enquanto ela cumpria sua árdua jornada de trabalho.

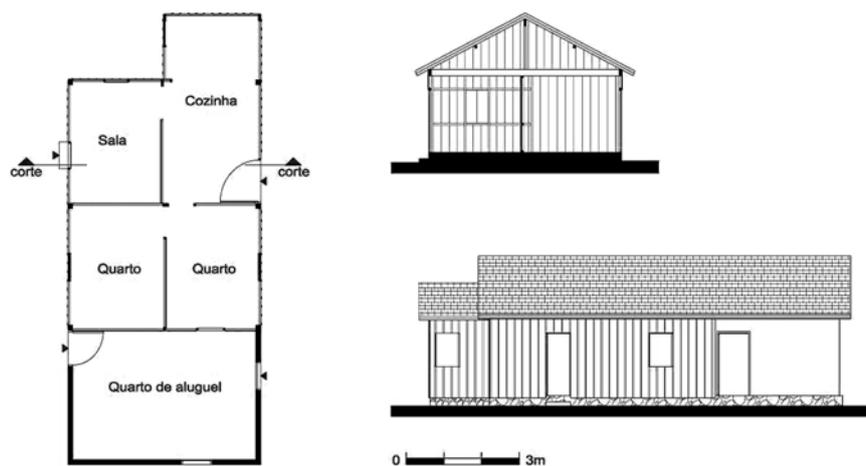


Figura 4: Planta baixa e cortes do Barraco da Gegê. Desenho: Mateus Rosada. Adaptações: Rodrigo Sartori Jabur, 2013.



Figura 5: Barraco da Gegê. Vila Izabel. São Carlos, 2013. Foto Mateus Rosada.

Depois de 40 anos morando na casinha de madeira, *Barraco da Gegê*, Geralda se mudou completamente insatisfeita e contrariada para a casa principal, reformada para recebê-la. O processo de adaptação foi lento e sofrido, pois ela insistia em apenas passar o dia na casa nova e dormir no *Barraco*. Depois de uma forte investida da filha Vanda, ela decidiu não dormir mais na casinha, porém, durante o dia, assim que terminava os afazeres da casa, ia para lá, reviver os momentos felizes que ali passou. Se referindo ao *Barraco*, ela enfatizou que foi *bom demais* quando lá morou, pois lá *tinha seus filhos juntos, unidos*. Contou-nos ainda que:

*Foi duro pra vim pra cá, porque aquele tempo eu era feliz e não sabia. A casa era tudo esburacada, eu tinha que tapar com os pedacinhos, assim, de tábuas, atolava tudo lá dentro. Quando fiz aqui [casa principal] que era pra mim passar aqui, a minha menina falou: fez o chão*

*mãe, vamos pra lá que essa casa tá caindo. Pois eu vinha aqui, depois eu voltava pra posar lá, depois foi indo, foi indo, até que eu peguei e vim pra cá pra posar, aí eu ajeitei e vim pra cá, fiquei aqui, mas, não achava jeito, chegava aqui fazia o serviço correndo, corria e sentava lá do outro lado. (Geralda Fermiano. 2010)*

Além da forte relação com a casa em que viveu a maior parte de sua vida, Geralda fez e faz questão em *manter por perto os seus*, dando teto e apoio aos que mais precisam. Com ela, ainda hoje, moram filhos e netos que respeitam as regras e ordens estabelecidas para o bom funcionamento do espaço familiar, concretizado no **quintal** que abriga as casas e suas subdivisões feitas para atender às necessidades dos familiares.

*Nóis não gosta de deixar os outros esparramados, agora se for, pode morar até longe, mas que esteja unido na família, uma hora que quer ir lá vai, quem quer vim aqui vem, mas assim da família, da família mesmo, da casa, nós não quer ver assim jogado não. (Silva, Geralda Fermiano. 2010)*

Os momentos de lazer dos Fermiano também se restringiam às festas realizadas no **quintal**, principalmente com a família, porém, caso alguém de fora ali chegasse, também era bem vindo. *As festas a gente fazia aqui em família, os outros estranhos às vezes vinham e nós não fazia desfeita, entrava também né, mas a gente fazia a festa em família.* Fora as festas, Geralda e seus filhos não tinham outros momentos de lazer, o que demonstra que ela teve uma trajetória marcada exclusivamente pela dedicação ao trabalho e aos cuidados com todos que estavam ao seu redor.

Ao falar sobre crenças e religião, ela destacou ser devota de Nossa Senhora Aparecida, e crer em entidades da umbanda e orixás do candomblé, demonstrando que sua fé está pautada num sincretismo religioso. Acrescentou ainda, que quando chegou ao bairro, se dedicava ao candomblé e fazia reuniões semanais em sua casa, sofrendo muito preconceito de outros moradores e, inclusive, perseguição policial, o que a levou a continuar praticando os cultos em extremo sigilo. Mesmo depois de muitos anos, ela ainda se recorda do incidente com o policial, o qual frequentou um dos cultos e se arvorou no direito de destruir seu imóvel, caso ela continuasse com tais práticas. Vale lembrar, que o exercício das religiões de cunho africano, era proibido por meio dos Códigos de Posturas Municipais, tanto na vigência da escravidão como no pós-abolição, com o objetivo de apartar os negros da sociedade e desvalorizar suas crenças e manifestações culturais. A nosso ver, essas

proibições foram em grande medida as responsáveis pela transformação do **quintal** em reduto de manifestação e preservação da cultura negra. Mesmo tendo sofrido perseguição pela prática de sua religião, Geralda enfatizou que *nunca sofreu preconceito na vida, graças a Deus*.

O desejo em manter familiares e parentes no mesmo lote, e que se configura no **quintal** observado por Simoni Guedes, encontra explicação, a nosso ver, ainda na vigência do período escravista, quando o escravo não exercia poder sobre a manutenção de sua família. Francisco Fermiano (2014), irmão de Geralda, afirmou ter ouvido de seu avô Mané Fermiano, escravo na Fazenda Mata Negra, que um dos principais horrores da escravidão *era a venda dos filhos das negras para outros fazendeiros de longe e não tinha querer, se o senhor cismava em vender, ele vendia, o pai e a mãe não podia segurar*. Com a conquista da liberdade no pós-abolição, o negro, além de prezar pelo direito de ir e vir, mantinha com preciosidade a união dos laços familiares, desconsiderados e desfeitos no período da escravidão, e que agora podiam ser mantidos, preservados e protegidos.

### **Margarida Estevam Ramos: o medo da cidade e a liberdade em sua moradia**

Maria Margarida Estevam Ramos (Figura 6), moradora da Vila Izabel há mais de cinco décadas, teve uma vida marcada por muitos enfrentamentos sociais, culturais e econômicos. Mulher, negra, pobre e mãe de muitos filhos, ela nos contou com um pouco de vergonha e timidez alguns momentos de sua trajetória. Natural da cidade de Três Pontas, MG, ela nasceu em 01 de julho de 1932, filha de Maria Evaristo de Jesus que estava com 28 anos de idade e José Esteves, ambos mineiros. Seu pai era *trabalhador de roça* e sua mãe *não trabalhava fora e cuidava da casa e dos filhos*. Assim, como muitas famílias e indivíduos negros no pós-abolição, como destacou Walter Fraga Filho em seu livro *Encruzilhadas da Liberdade*<sup>14</sup>, Maria Evaristo e José Esteves Baptista de Carvalho tiveram uma vida marcada pela mobilidade espacial e, segundo a filha Margarida, mudavam constantemente.

---

<sup>14</sup>Filho, Walter Fraga. *Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.



Figura 6: Margarida Estevam Ramos.  
Fonte: Paulo Ceneviva, 2013.

*Meu pai plantava na roça, trabalhava na roça, plantava bastante coisa, milho, feijão, arroz, café, pegava serviço aquele tempo, era serviço de colono, por um ano então a gente ficava ali carpia o café, quando era tempo de colher colhia o café, tudo, depois se quisesse renovar o contrato renovava se não, se quisesse ir pra outra fazenda podia ir. Meu pai ficava dois, três anos em uma fazenda, depois ia pra outra, eu sei que nós moramos em bastante lugar, morei em Dois Córregos, não na cidade, em fazenda. Depois de Dois Córregos, foi pra Piratininga, fazenda da Geada, ficamos lá mais uns três anos, depois da Fazenda da Geada, nós fomos para Barra Bonita fazenda Nossa Senhora Madalena, depois nós fomos pra Fortaleza uma fazenda perto de Dois Córregos também, depois fiquei lá mais uns três anos aí eu era pequena né, eu fui crescendo, crescendo. Aí depois nós viemos pra Mineiros do Tietê ficamos lá, aí nós ficamos na cidade mesmo, meu pai trabalhava na roça. A casa era na cidade, mas o serviço dele era na roça, depois ele parou de trabalhar assim de colono aí começou a pegar empreita, pegava empreita pra uns “par de tempo”. (Ramos, 2013)*

Sempre em busca de melhores condições financeiras e *novos ares*, José Evaristo mudou com a família por cinco vezes e somente na cidade de Mineiros do Tietê fixou moradia e dessa vez escolheu o espaço urbano, onde, porém continuou a trabalhar na roça por um tempo, se dedicando posteriormente ao serviço por empreita, que segundo a filha Margarida, funcionava da seguinte forma: *pegava um serviço alí até acabar esse serviço, quando acabava aquele serviço ele já podia pegar em outro lugar, era a mesma coisa de ser colono né*. Margarida começou a trabalhar na roça aos 10 anos de idade, e acompanhando os pais, mudavam constantemente. Ela não conseguiu estudar e não tinha a permissão deles para isso. Percebemos, assim, que seu pai contava com o trabalho dos filhos na lavoura, não vislumbrando as possibilidades de ascensão social por meio da instrução:

*Eu tinha uns dez anos quando eu comecei a trabalhar. Eu comecei a trabalhar na roça né, na roça assim, fazer um pouquinho das coisas né, carpia um pouco, quando era tempo de*

*apanhar café apanhava café, cortava arroz, tudo né, ai depois que eu fiquei grande que eu trabalhei de empregada também, uns par de tempo né. Nossa a minha vida foi muito, muito difícil menina. Eu não pude estudar quase porque o meu pai não deixou estudar. (Ramos, 2013)*

A infância de Margarida foi marcada pelo trabalho duro na roça, mas havia os momentos de lazer e brincadeiras com outras crianças, brancas e negras, nas colônias das fazendas, realizadas sempre à noite, depois da jornada de trabalho. Além das brincadeiras com outras crianças, ela se recorda dos raros momentos em que o pai se reuniu com eles em dias frios, em volta de uma fogueira que era acesa na sala da casa, quando contava histórias de *lobisomem*. Apesar de ser muito bravo e usar da violência com frequência contra eles e a mãe, ela destacou que o pai não deixava faltar nada, que tinha muita fartura de comida e quando *ele não bebia, era muito bom*. Dos momentos bons, ela se lembra das compras na cidade, quando ele trazia peças de tecidos para a confecção de roupas para todos que iam aos bailes nas fazendas usando o mesmo tecido: *a gente ia tudo igual, era muito engraçado*. A personalidade autoritária de José Esteves, que se estendia ao controle absoluto da vida e cotidiano familiar, ficou marcada na memória de Margarida e marcaria profundamente sua personalidade.

Aos 18 anos de idade, morando em Mineiros de Tietê, Margarida (Figura 7) conheceu o pardo Laudelino Pereira Ramos (Figura 8), natural da Bahia, com quem se casou somente em 1955, quando ela estava com 23 anos de idade. O casamento aconteceu numa igrejinha de Mineiros e foi comemorado com um almoço para os padrinhos na casa dos pais da noiva. Depois de casada, Margarida morou no município de Barra Bonita, na Usina da Barra, e depois mudou com o marido para a Fazenda Aliança, na mesma cidade, onde ambos trabalhavam na roça e, para complementar a renda, ela comercializava na cidade alguns produtos da horta.

*Na fazenda Aliança eu trabalhava, eu cortava cana, carpia cana né, ele tinha uma horta e eu ia vender verdura na cidade na Barra Bonita né, não tinha ônibus naquele tempo era bonde né, eu toda quinta-feira enchia uma cesta de verdura e ia na Barra Bonita vender a verdura, mais tinha bastante, tinha abobrinha, não dava pra mim levar tudo, levava o que cabia, chegava lá vendia, comprava alguma coisinha pras crianças, ai dava a hora do bondinho voltar ai eu vinha embora, trazia soinho [doce de padaria] pras crianças comer. (Ramos, 2013).*



Figura 7: Maria Margarida Estevam Ramos. Barra Bonita, 1951. Acervo: Família Pereira Ramos.



Figura 8: Laudelino Pereira Ramos. Barra Bonita, 1940. Acervo: Família Pereira Ramos.

Em Barra Bonita, Margarida e Laudelino tiveram os seis primeiros filhos, Maria, Arlinda, Antonio, Zezão, Tide e Nelson, e ali permaneceram por volta de 15 anos. A vida na fazenda era solitária, pois não havia nenhum outro morador no local, o que tornava os dias de Margarida e da família *muito tristes*. Assim, com o intuito de acabar com a solidão da família, Laudelino decidiu migrar para São Carlos, em 1970, para ficar perto dos parentes. Ao chegarem à cidade, eles foram morar no bairro Vila Izabel, como vizinhos de João Francisco<sup>15</sup> na Rua Santa Gertrudes, depois de alguns meses se mudaram para a casa nº 793, localizada na mesma rua e alugada diretamente com o senhor Moisés, seu proprietário, que também era morador da Vila Izabel. Sobre o bairro, Margarida, não teve boas impressões, devido à precariedade do local, assim como Nelson, seu filho mais novo, que apesar da alegria de estar na cidade, também fez referência à falta de infraestrutura do bairro.

*Eu gostava daqui mais não era bonito. Aqui era terra de chão a rua, ali era onde passava a linha do trem de ferro mais não tava passando mais o trem né só antigamente passava né ai depois, ai que fizeram o asfalto tudo né, mais quando nós mudou aqui não era, aumentou mais casa, tinha pouca casa. (Ramos, 2013).*

*Era um máximo morar numa casa na cidade, na rua não tinha asfalto, não tinha esgoto, tinha água encanada, mas acho que não vinha água todos os dias ai a gente tinha que ir buscar água ali no regulador, mas eu gostava porque estava na cidade. (Ramos Nelson, 2013).*

---

<sup>15</sup>João Francisco foi o fundador da escola de Samba Vila Izabel, e importante representante da cultura negra no bairro. Dentre os moradores do bairro ele se destacava, pois ocupava uma posição de liderança, por comandar o carnaval no bairro e morar numa casa diferenciada, acima dos padrões construtivos ali existentes.

Mesmo com os problemas do bairro, a família estava muito feliz em morar na cidade. A casa em que moravam dispunha de um amplo quintal no qual mantinham uma variada plantação de verduras, legumes e árvores frutíferas para consumo. Segundo Nelson Pereira Ramos no quintal tinha *chuchu, couve, alface, almeirão, mamão, laranja, mexerica, pokam, uva, manga, goiaba e ameixa*. Ele afirmou ainda que os cuidados com o terreno e com as plantações eram de responsabilidade dos filhos e o pai Laudelino fazia questão de fiscalizar as atividades.

A casa da família Ramos (Figura 9) é fruto de uma reforma realizada numa construção do início do século XX, implantada no alinhamento da rua e originalmente com seis cômodos. Esse *layout* inicial foi alterado ainda pelo antigo proprietário para que pudesse abrigar duas residências com quatro cômodos cada uma. E assim estava quando a família Ramos para lá se mudou em 1971. Ambas as casas eram constituídas por dois quartos, sala e cozinha, mas apenas a dos fundos, que foi ocupada por eles, possuía fogão a lenha que foi muito usado pela família. A casa foi construída com tijolos e argamassa de barro, com portas e janelas em madeira que garantiam a iluminação e a circulação do ar, favorecidas pela baixa altura das paredes internas. Embora a família não tenha manifestado nenhuma queixa, certamente a ausência de forro deixava a casa fria no inverno. O telhado, de madeira em duas águas com telhas de barro, tem o beiral arrematado por cimalha apenas na fachada principal. Depois de 15 anos morando neste local, a família Ramos, conseguiu comprar as duas casas, demolindo a parede que as separavam para ocupá-las integralmente. Com isso ganharam mais espaço para os filhos, que já eram oito, e se apertavam num mesmo quarto. A residência ganhou também um banheiro anexo ao corpo principal, permitindo que deixassem de usar a fossa no fundo do lote. Margarida e Nelson nos contaram alguns detalhes sobre a casa:

*A casa tinha quatro cômodos depois que eles aumentaram né, e não tinha banheiro, fizeram o banheiro tudo, tinha um poço, aquele tempo tirava do poço mais só que não tava mais tirando né, não tava funcionando mais, a fossa onde a gente ia fazer necessidade era lá em cima, era uma fossa assim com um buraco O piso era esses acimentados assim né, de tijolo e depois passou um vermelhão em cima. No meu quarto só tinha a minha cama e o meu guarda roupa só no meu quarto. O quarto das crianças tinha duas beliches né e guarda roupa não tinha, tinha um baú né, aquele tempo usava aqueles baú, mala que fala né pra por as roupas deles dobrada ali dentro, só não tinha guarda roupa no quarto deles. Na sala só tinha uma mesa e, tinha uma cristaleira. Ai o véio comprou uma televisão e, pois em cima da cristaleira só na sala que tinha televisão. (Ramos, 2013).*

A nossa casa tinha a cozinha, a sala, o quarto da minha mãe com o meu pai e o quarto nosso. No quarto da minha mãe tinha uma cama, um guarda roupa e uma cômoda, na sala tinham um sofá de couro marrom e uma cristaleira muito bonita, era uma cristaleira bonita, na cozinha tinha um fogão de lenha, uma mesa de tábua e um armário amarelo cor de abóbora e no quarto tinha duas camas de casal no quarto onde a gente dormia. Os oito dormiam em duas camas. Em 1975 ou 76 o meu pai comprou o fogão a gás, a televisão acho que foi em 1978. Foi uma festa né a televisão. Era uma Colorado, tinha dois alto falantes do lado e era aquela que você ligava demorava acho que cinco minutos pra esquentar. Também não tinha banheiro era as fossas, as fossas ficavam no fundo do quintal, chuveiro também não tinha, nós tínhamos que pegar latas, aquelas latas de 20 litros encher de água, buscar água lá no regulador que eu acho que da uns 600, 700 metros, na cabeça, dava umas quatro, cinco viagens pra esquentar água pra gente tomar banho, banho de bacia, a gente fazia um fogãozinho com tijolos colocava lenha e nós ia buscar lenha pra gente poder cozinhar também, não tinha fogão a gás era fogão a lenha. Nós íamos buscar lenha aonde é hoje a fábrica de motores, a Volks, nós ia lá apé. Ia eu, a minha mãe, a minha tia e a gente ia duas, três, quatro vezes por semana a gente ia buscar lenha, que a gente estocava lenha, pra fazer comida e pra esquentar pra tomar banho. (Ramos Nelson, 2013).

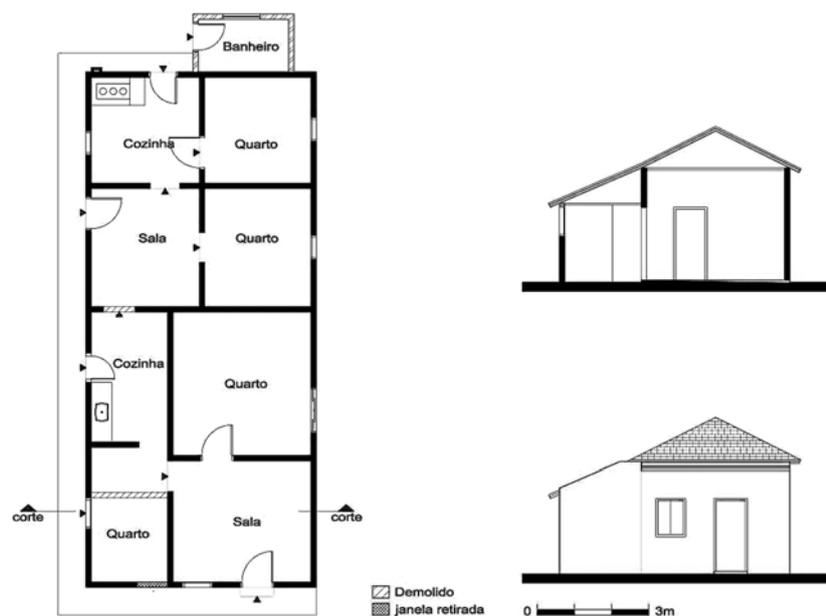


Figura 9: Planta baixa e cortes da Casa da Família Ramos. Desenho original: Mateus Rosada, 2013. Intervenções: Rodrigo Sartori Jabur, 2014.

Como podemos perceber a rotina da família não era fácil, a falta de infraestrutura da casa acarretava em uma série de atividades, exigindo a dedicação de todos os filhos para que o lugar pudesse ir além da função de abrigo. A escassez de recursos financeiros fazia com que todos economizassem. Os sapatos e roupas melhores, *sempre ganhos*, eram para ir à escola. Além dos produtos colhidos no quintal, a alimentação era complementada com a compra de arroz, feijão e carne apenas no final de semana. Margarida ainda contava com doações de outros alimentos, como pães amanhecidos, os quais complementavam o café da manhã que não passava da *água quente com açúcar*, pois *o leite era bem raro*. A família sofria com a falta de cobertores fazendo com que eles se *protegessem do frio apenas com jornais* e o desconforto das crianças na hora de dormir nos beliches, como afirmou Margarida, ou nas camas de casal, como afirmou Nelson, acabava ajudando a se aquecerem.

Margarida, que se dedicava ao cuidado da casa e dos filhos, também exercia algumas atividades informais para complementar a renda da família como diarista, cozinheira, lavadeira e passadeira. Essas ocupações foram amplamente desenvolvidas por mulheres negras no pós-abolição como nos aponta Telles:

*Para as libertas e descendentes, migrantes ou nascidas na capital, que deixaram as cidades de origem sem posses, os serviços domésticos, a faina diária, e a dependência dos seus patrões e seus salários minguados constituíram a forma de sobrevivência possível num mercado de trabalho pouco generoso. (Telles, 2013, p. 89)*

Os filhos do casal Margarida e Laudelino começaram a trabalhar por volta dos 10 anos de idade, os meninos exerciam pequenas atividades relacionadas à construção civil e limpeza de terrenos, e as meninas como domésticas. *A maioria das casas dos bairros que foram feitas eu trabalhava de servente de pedreiro carregando tijolo, carregando massa, a maioria das casas eu trabalhei depois dos 10 anos (Ramos Nelson, 2013)*. De acordo com Maria Olivia Gomes da Cunha<sup>16</sup>, os anos iniciais do pós-abolição foram marcados pela prática constante do emprego de meninas e meninos negros em atividades domésticas nas casas da elite brasileira. Com o objetivo de possuir empregados a baixo custo os patrões estabeleciam dentro dos lares relações marcadas constantemente pelo abuso de poder, excesso de trabalho e violência, visando principalmente o amansamento desses sujeitos para a vida em sociedade. Das filhas de Margarida, Arlinda foi a primeira a trabalhar como

---

<sup>16</sup>Cunha, Olívia Maria Gomes da. Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição. In: Cunha Maria; GOMES, Flávio (Orgs.). Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

empregada doméstica, atividade que exerce até os dias de hoje. Com mais sujeitos dedicados ao trabalho, a renda da família Ramos aumentou consideravelmente e, com o empenho de todos, foi poupado o dinheiro necessário para a compra do imóvel em que moravam. Apesar de já trabalharem desde cedo, eles não tinham permissão para sair de casa e nem estabelecer muito contato com os vizinhos. A vida social era circunscrita ao quintal, onde brincavam e se divertiam em família, tornando esse espaço território de preservação e manifestação de suas culturas .

Desse modo, a casa, espaço doméstico por excelência, que a nosso veré espaço social e palco das relações estabelecidas entre os seus moradores, tem nos **quintais**, conforme verificamos também no caso anterior, uma espécie de extensão da moradia e um espaço de vivência extremamente ativo. É como se neste local, os negros encontrassem a liberdade de se manifestar culturalmente, produzindo ali o que lhes era negado na cidade e no espaço público. Segundo Nelson Pereira Ramos (2013), *a gente fazia festa, meus pais bebiam, a gente dançava, cantava e era feliz, tudo no nosso quintal*. Esse território familiar, além de abrigar a todos, funcionava como reduto para proteção da família, que longe dos contatos com o mundo externo, estava livre do preconceito e da discriminação racial. Vale salientarmos que neste espaço havia uma hierarquia, previamente estabelecida, e que era determinada pelo gênero. O homem, figura paterna, representava o poder e o controle de todo o conjunto espacial, enquanto à mulher cabia a responsabilidade pelo perfeito funcionamento da casa, o cuidado com os membros da família e a prestação de serviços informais para a complementação da renda familiar. Segundo Olívia Maria Gomes da Cunha<sup>17</sup>, o espaço doméstico encerra relações sociais demarcadas pelas distinções de gênero e essa distinção se configura como a principal organização do espaço.

Com a rotina marcada pelo trabalho e pelos momentos de lazer circunscritos ao **quintal**, a família Ramos teve raros momentos de vivência na cidade, como a única ida de todos ao circo, proporcionada por Arlinda que já trabalhava. Somente depois de adultos, os filhos de Margarida e Laurindo vivenciaram a cidade de acordo com os seus anseios. Enquanto puderam, os pais mantiveram os filhos *embaixo dos olhos*, deixando marcas profundas neles, pois, de acordo com Nelson (2013), o cuidado exagerado acabou por podar anseios por uma vida melhor. Vale salientar que, mesmo depois de casados, os filhos continuaram a morar com os pais e foram os responsáveis pela construção de uma nova residência, ao lado da casa antiga, para abrigar novos membros na família além de Margarida e Laurindo. Quando se mudou para a casa nova construída pelos filhos, Margarida cedeu a antiga casa à filha Arlinda que ocupou o imóvel até 2013 em companhia de seus filhos. Apesar da

---

<sup>17</sup>Ibidem nota 7.

*tristeza em deixar a casa-família*, Arlinda (2013) nos contou que, estava *feliz por ter conseguido uma casa própria*, pois havia sido contemplada por um programa de habitação social no município. Ela destacou, porém, que, *todo dia dá uma passada na casa da mãe para tomar café, ver minha família e saber das novidades. Quando não venho, sinto um vazio*. Esse sentimento de pertencimento também é compartilhado por outros filhos, como Nelson que preferiu continuar morando, com sua esposa e filhos, na casa de seus pais, apesar de possuir dois imóveis na cidade.



Figura 101: Almoço da família Ramos realizado no quintal da casa-família. Década de 1980. Acervo: Família Pereira Ramos.

Laudelino faleceu aos 90 anos de idade no ano de 2010. Desde então Margarida concentra em si, apesar de compartilhar alguns poderes com os filhos, as principais decisões. Hoje ela não trabalha em atividades domésticas, provavelmente devido à idade avançada e à boa condição oferecida pelos filhos, porém, ainda faz crochê para fora, o que colabora para a sua distração. Apesar de concluir que *viveu uma vida difícil e triste*, ela destacou que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito na vida, ao contrário de seu filho Nelson, que desde criança, se recorda de ter recebido os mais variados tipos de tratamentos marcados pelo preconceito racial, tanto em espaços públicos, como a escola, quanto nos espaços privados, como o trabalho.

*Nunca fui chamado para apagar a lousa, nunca recebi um elogio da professora (...). Quando eu tinha 21 anos de idade eu trabalhava numa empresa e quem atendia os clientes era eu, eu atendia os clientes por telefone mais eu nunca via a cara dos clientes, não sabiam como eu era e nem eu sabia como eram os clientes, então eles ligavam pra mim e faziam os pedidos, então eu anotava o pedido e passava, e todo fim de ano eles mandavam pra mim agenda, essas coisas, e um dia um deles falou assim pra mim eu vou aí quero falar com você e o dia que ele chegou eu não o conhecia e nem ele, então ele falou assim: você é o Nelsinho, aí o dono da empresa disse: você não imaginava que ele era preto né, pelo serviço que eu fazia, depois daquele dia eu pedi a conta na empresa. (Nelson Ramos, 2013).*

Como podemos perceber, a vida de Margarida e Laurindo foi marcada por muita luta, com dedicação diária e exaustiva ao trabalho, pela vivência familiar e cultural no **quintal** e pela tentativa de proteger os filhos dos preconceitos raciais vigentes na sociedade. Dentre as estratégias de sobrevivência adotadas por eles, destacamos a ressignificação da casa e do **quintal**, transformados em território de efervescência da cultura negra, o que certamente tornou muito mais prazerosa a difícil vida na cidade.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, pudemos perceber que as trajetórias das mulheres negras aqui analisadas e que optaram pela vida no perímetro urbano em São Carlos do Pinhal no pós-abolição se materializou, significativamente, no espaço doméstico, configurado pelas moradias e seus quintais. Dentre as estratégias de resistência para a preservação do patrimônio cultural negro, o **quintal** que, de acordo com Simoni Guedes, congrega a casa principal e demais moradias destinadas principalmente aos filhos, despontou como o principal território negro urbano, onde as manifestações, crenças culturais e religiosas, proibidas na rua, encontraram espaço para serem praticadas, ainda que sob o olhar vigilante de vizinhos e da polícia local. Sem maiores convívios na cidade, que se restringiam quase que exclusivamente ao percusso diário para o trabalho, essas mulheres fizeram de suas moradias e quintais a materialização do território negro urbano. Vimos emergir ainda no âmbito das estratégias de resistência, a preocupação constante em fortalecer os laços de parentesco: o qual, sem sombras de dúvida foi o grande pilar de estruturação destes espaços. Muito provavelmente marcadas pelas histórias contadas por seus antepassados sobre a crueldade da separação entre filhos e mães, maridos e esposas, durante a vigência do sistema escravista. Fizeram da preservação da família o grande símbolo da liberdade. E

para tal, essas mulheres não mediram esforços e estavam sempre dispostas a buscar as melhores alternativas para garantir os cuidados e a proteção de todos. Por esta razão muitas proibiram o livre deslocamento dos filhos pela cidade, restringindo o convívio deles ao quintal, certas de que, se fossem nos locais onde eram intolerados, poderiam sofrer algum tipo de discriminação.

Assim, concluímos que, fugindo do preconceito, da violência e de toda intolerância a que foram expostas na sociedade republicana do pós-abolição, as mulheres negras, fizeram de suas moradias e quintais, os maiores símbolos de materialização da liberdade, transformando estes espaços em *territórios sagrados*, com regras, hierarquias e laços de solidariedade, plenamente instituídos, hierarquizados e respeitados por todos.

## REFERÊNCIAS

Albuquerque, Wlamyra. A vala comum da “raça emancipada”: abolição e racialização no Brasil, breve comentário. In: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/317>. Campinas. 2010, p. 98.

Duarte, Luiz Fernando Dias, Gomes, Edilaine de Campos. Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

Foner, Eric. Nada além da liberdade: a emancipação e seu legado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Dyos, H. J. Exploring the urban past. London: Cambridge University Press, 1982.

Guedes, Simoni L. Redes de parentesco e consideração entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais. Caderno CRH, nº29, p. 189-208, 1998.

Gomes, Flávio dos Santos e Cunha, Olívia Maria Gomes. (organizadores). Quase Cidadão: histórias e antropologias do pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

Grinberg, Keila. LIBERATA: a lei da ambiguidade - as ações de liberdade da Corte de Apelação do Rio de Janeiro no século XIX. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

Lira, José Tavares Correia de. O Urbanismo e o Seu Outro: Raça, Cultura e Cidade no Brasil (1920-1945). Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, nº 1, 1999.

Machado, Maria Helena P. T. Corpo, Gênero e Identidade no Limiar da Abolição: o caso de Benedicta Maria Albina da Ilha ou Benedicta, escrava (Sudeste, 1880), *Revista Afro-Ásia*, n. 42, 2010, pp. 157-193.

Mattos, Hebe. Rios, Ana Lugão. Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Oliveira, Joana D'Arc de. Da senzala para onde? Negros e negras no pós-abolição em São Carlos-SP (1880-1910). Tese (Doutorado). São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2015.

Telles, Lorena Feres da Silva. Libertas Entre Sobrados - Mulheres Negras E Trabalho Domestico em São Paulo (1880-1920). São Paulo: Alameda, 2014.

## **Entrevistas**

Fermiano, Francisco. Entrevista realizada em São Carlos, 10 de fevereiro de 2014.

Ramos, Maria Margarida Estevam. Entrevista realizada em São Carlos, 24 de maio de 2013.

Ramos, Nelson Pereira. Entrevista realizada em São Carlos, 16 de maio de 2013.

Silva, Geralda Fermiano. Entrevista realizada em São Carlos, 07 de agosto de 2010.